

FREUD E O MAL-ESTAR NA CULTURA

Janete Rosane Luiz Dócolas¹

Numa manhã de domingo, gente de todas as idades assistia a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre tocar Mozart, Mahler e Tchaikowsky, e se encantava com sons que se harmonizavam de uma maneira impressionante, criando uma espécie de mundo mágico, onde o tempo parecia não contar. A sinfonia nº 40, de Mozart, também conhecida como a Grande Sinfonia, foi composta em 1788. A Marcha Eslava, de Tchaikowsky, foi escrita em 1876. A Sinfonia nº 1 foi escrita por Mahler entre 1884 e 1888. E lá estavam todos, na gelada manhã do dia 3 de julho de 2011, num encontro que nos faz lembrar que existem criações que não envelhecem, ultrapassam o tempo e são atuais em qualquer época.

Se é bem verdade que o tempo passa, é também verdade que com ele temos adquirido muito conhecimento e isso tem se transformado em avanços importantes, provocando mudanças em praticamente todas as áreas. A velocidade desses avanços, em função de recursos que aceleram e multiplicam a informação, é espantosa, e uma consequência disso é que tudo parece ficar obsoleto com muita facilidade. Nem bem nos atualizamos em relação a um conhecimento, por exemplo, e já estamos sendo convocados a conhecer e dominar uma novidade que amplia ou, às vezes, substitui o que nos era conhecido e precisa ser deixado para trás.

Bem sabemos que mudanças sempre ocorreram na história da humanidade, não sendo, portanto, um privilégio de nossa época. Lembremos de Heráclito (540 a.C – 470 a.C), filósofo para quem tudo flui e só a mudança e o movimento são reais. Mas a velocidade das mudanças é uma característica da época em que vivemos, e sobre isso não é necessário recorrer a pesquisas para embasar o que é facilmente constatado no nosso cotidiano, enquanto tentamos dar conta das exigências que tais mudanças introduzem na nossa vida.

Nesse cenário, o encontro com certas criações que parecem ser atemporais nos instiga a refletir, numa tentativa de “estabelecer diálogos” com o autor para melhor compreensão de suas ideias.

¹ Psicóloga, Psicanalista. Membro titular, Coordenadora de Seminários e Supervisora da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

Sigmund Freud, que viveu entre 1849 e 1939 e dedicou grande parte de sua vida a compreender a alma humana, inventou a psicanálise e produziu uma obra que revolucionou o conhecimento do homem sobre si mesmo. Em sua obra, constituída de textos clássicos, encontramos saberes que sustentam a psicanálise e sua prática, inspirando estudiosos desde então.

No presente capítulo, proponho uma visita a um texto de Freud que trata de um tema que traz em si a questão da mudança e, ao mesmo tempo, instiga pela atualidade das ideias nele apresentadas. Um texto que exige uma articulação entre conceitos desenvolvidos em diferentes momentos da obra freudiana e nos convida a pensar na constituição do psiquismo como um processo que está além do contexto histórico e suas constantes mudanças.

Escrito em 1929, dois anos depois da publicação de “O futuro de uma ilusão”, cujas questões são retomadas no início de seu texto, “O mal-estar na cultura” demonstra um rompimento do pensamento freudiano com o projeto iluminista, onde a obtenção da felicidade baseava-se em argumentos racionais e universais. E trata, sem rodeios, sobre temas que são pertinentes aos homens de qualquer época: a felicidade, a fragilidade da condição humana, a destrutividade e o conflito implicado na difícil relação do homem com a cultura.

Cabe esclarecer que “cultura” e “civilização” são termos usados indistintamente por Freud ao longo de seus escritos. No texto “O futuro de uma ilusão”, de 1927, ele refere recusar-se a distinguir entre cultura e civilização. Na carta a Einstein “Por que a guerra”, de 1932, afirma saber que outros preferem chamar de civilização o que ele chama de cultura.

Freud (1927) se refere à cultura como tudo aquilo a que a vida humana se elevou acima de suas condições animais, e que abarca o saber e poder fazer que se tem adquirido para governar as forças da natureza e produzir os bens que satisfaçam suas necessidades e a regulação das relações dos homens uns com os outros.

O emprego de ferramentas, o domínio do fogo² e a construção de habitações foram os acontecimentos culturais que abriram caminho para a realização de incríveis progressos que, segundo Freud (1930), aproximaram o homem de seu ideal de onipotência, exaltando seu endeusamento. Nesse texto, os indiscutíveis benefícios alcançados pelo avanço tecnológico e científico são considerados de grande valia para a obtenção de prazer, e alguns exemplos são citados: a sensação de felicidade em poder ouvir a voz de um filho que mora a centenas de quilômetros de distância, a diminuição da mortalidade dos bebês e das parturientes, e o

² Em nota de rodapé, na pg. 3033 da edição referida neste texto, Freud faz uma articulação entre mitologia e psicanálise, abordando a conquista cultural representada pelo domínio do fogo. Em 1932, no artigo “A conquista do fogo”, o tema continuará sendo trabalhado.

prolongamento da duração média de vida. Mas, mesmo contando com importantes benefícios e prevendo que “tempos futuros trarão novos e talvez inconcebíveis progressos neste terreno da cultura”, o homem não se sente bem na cultura e imagina que esse objetivo teria sido possível em épocas anteriores, por supor que não haveriam em tais épocas as restrições que lhe são impostas.

Está introduzido o tema da felicidade e sua relação com a cultura. Sendo a felicidade algo inteiramente subjetivo, é difícil, escreve Freud (1930), julgar se, e em que medida, os homens de épocas anteriores sentiram-se mais felizes, e que papel desempenharam nisto suas condições culturais.

Indagando-se, a exemplo do que fizeram filósofos como Aristóteles e Shopenhauer, sobre o que querem os homens da vida e o que querem nela realizar, Freud (1930) constata que é a felicidade o que almejam.

Buscam a felicidade, que, no sentido mais estrito, se refere à vivência de prazer, mas que implica, também, ausência de dor e desprazer.

Ocorre que o mundo, no qual o indivíduo se insere, parece não estar muito de acordo com este princípio do prazer que rege o funcionamento do aparelho psíquico desde o começo. Para Freud (1930), o “arranjo do universo” não contempla que o homem seja feliz. E para que melhor se compreenda essa questão, retoma, brevemente, algumas de suas considerações sobre como seria a relação do homem com o mundo desde os primeiros tempos da sua existência. A separação do Eu de um mundo exterior se daria aos poucos, como consequência das sensações que o pequeno humano vai vivenciando. Ao Eu se contrapõe um “objeto”, o peito materno, que também é percebido como fonte de excitação, mas que não está sempre presente – está fora – e somente aparece através de uma ação específica. Assim, a experiência faz com que haja a constatação de que algumas coisas que dão prazer, e ao que não se gostaria de renunciar, não pertencem ao Eu e sim ao objeto. Outro incentivo para o reconhecimento de um mundo exterior decorre das inevitáveis sensações de dor e desprazer que o Eu percebe como de procedência interna, e que terá a tendência a jogar para “fora”. Com essa distinção entre interno e externo, a realidade exterior ganhou maior importância e está dado o primeiro passo para a instauração do princípio da realidade.

Conforme enunciado por Freud em 1911, no texto “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”, essa instauração do princípio da realidade mostrou-se um passo de importantes consequências, correspondendo a uma série de adaptações que o aparelho psíquico tem que sofrer, e que são indicadas como: o desenvolvimento da atenção como função especial, a avaliação do juízo à qual cabe decidir se determinada representação é

verdadeira ou falsa, o processo do pensar, o fantasiar e a substituição da descarga motora por uma ação que vise a transformar apropriadamente a realidade.

Voltando à Vivência de Satisfação, a experiência originária que consiste no apaziguamento das tensões geradas por necessidades que o bebê é incapaz de resolver por si mesmo, e que está ligada ao estado de desamparo original do ser humano e à constituição do psiquismo, encontramos um primeiro enlace do pulsional com o relacional. Para Freud (1895), estaria aí a fonte primordial de todos os motivos morais. Segundo Lacan, a conduta do recém-nascido de chorar e espernear, embora não solucione suas necessidades, o insere no campo da comunicação com o outro, introduzindo-o na ordem simbólica.

Quanto ao desamparo, a palavra utilizada por Freud³ é *Hilflosigkeit*, que tem, nos seus escritos, um sentido que vai além deste estado objetivo de impotência e dependência da criança em relação a um outro capaz de realizar a ação específica de que precisa para conter a irrupção das tensões advindas das necessidades. Ao longo de sua obra, de forma especial em “O futuro de uma ilusão” (1927) e também em “O mal-estar na cultura” (1930), nos encontramos com uma noção de desamparo que aponta para uma condição última de falta de garantias. O desamparo não seria, então, correspondente a um momento ou etapa delimitável no tempo, mas, sim, algo que acompanha o homem durante toda a sua existência.

O sentimento de desamparo infantil, reanimado pela angústia diante da onipotência do destino, e a nostalgia pelo pai que isso suscita estariam ligados às necessidades religiosas. Para Freud (1930) a questão é complexa e talvez oculte elementos que não parecem claros até o momento.

A religião, assim como a ciência e a arte seriam recursos de que o homem lança mão na tentativa de dar conta das ameaças e dificuldades que o mundo impõe, do que decorrem decepções, dores e angústias. E Freud (1930), incansável no diálogo com a literatura, nos faz lembrar, então, as palavras de Goethe:

Quem tem ciência e arte,
Tem também religião,
Quem essas duas não tem,
Esse tenha religião! (Goethe, apud Freud, 1930)

Além da questão do desamparo, há a constatação de que o sofrimento é algo que pode ser facilmente experimentado e que nos ameaça a partir de três direções: desde o próprio corpo, condenado a adoecer e morrer; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição impiedosas; e das nossas relações com os outros homens. Quanto a esta

³ Descrita por Freud nos textos: Projeto para uma psicologia científica (1895) e A interpretação dos sonhos (1900).

última, especialmente, quando implica a experiência amorosa e sexual, seria a mais poderosa fonte de felicidade, no entanto, talvez esteja nas relações com os outros a nossa maior fonte de sofrimento. Especialmente no que diz respeito ao amor, nunca somos tão felizes como quando amamos, mas, paradoxalmente, nunca nos achamos tão suscetíveis ao sofrimento como quando perdemos nosso objeto amado ou seu amor. Assim, diante da pressão dessas possibilidades de sofrimento, o homem tende a diminuir suas pretensões de felicidade e a procurar meios para escapar da desgraça e do sofrimento, moderando assim sua reivindicação ao prazer (FREUD, 1930).

Para o discurso freudiano, a felicidade deriva da relação do indivíduo com suas fontes e possibilidades de prazer, ou seja, é uma questão de economia libidinal, onde são muitos os fatores implicados, tanto na escolha dos meios para obtenção de satisfação como no próprio grau de satisfação obtido. Assim, “cada um deve buscar por si mesmo a maneira pela qual pode se tornar feliz” (FREUD, 1930, p. 3029), não sendo possível pensar na existência de regras ou conselhos válidos para todos. Além disso, há de se considerar que, sendo do próprio desejo nunca satisfazer-se plenamente, estamos destinados a conviver com a falta.

Freud (1930) fala em arte de viver, no que a constituição psíquica do indivíduo teria um papel determinante. O quanto o indivíduo consegue obter satisfação a partir do mundo externo, a força que atribui a si mesmo para modificá-lo segundo seus desejos e as suas possibilidades para independizar-se dele são fatores dos quais depende a obtenção da felicidade.

É inegável que a cultura, por meio das instituições que a materializam, nos oferece os recursos com os quais tentamos nos defender das ameaças e sofrimentos com que nos deparamos, no decorrer da vida. O amor e a necessidade seriam considerados os pais da cultura humana. Ocorre que, para satisfazer as exigências advindas das necessidades vitais e das pulsões, o homem se vê obrigado a associar-se a outros indivíduos. Esses outros, desde que foram percebidos como alguém que pode trabalhar com ou contra ele, e que podem, também, prover satisfações sexuais e amorosas, adquiriram valor de colaborador, com quem era útil viver, decorrendo daí a tendência a associar-se e a viver em grupos (FREUD, 1930).

Acontece que, como já referimos, a vida em comunidade pode ser tida, também, como fonte de sofrimento, em função da frustração que provoca ao impedir a satisfação pulsional desejada, suscitando, assim, reações de hostilidade.

Já em 1908, quando Freud adentrou a discussão sobre o social, em seu texto “A moral sexual ‘cultural’ e a nervosidade moderna”, afirmou que “nossa cultura se edifica sobre a coerção das pulsões” (Freud, 1908) e que dos sacrifícios exigidos para tanto poderiam

decorrer danos e prejuízos, como o incremento da neurose, que colocariam em perigo os próprios objetivos da cultura.

Essa ideia, de restrições que os homens precisam impor uns aos outros a fim de preservar a sociedade que os faz mais fortes, é trabalhada em “Totem e tabu”, texto de 1913, que desenvolve as relações entre sexualidade e cultura, esboçadas anteriormente e em seus estudos posteriores. Freud segue sustentando que a cultura só pode ser construída sobre a renúncia pulsional.

Ocorre que a vida em comum, continua Freud (1930) em seu escrito “O mal-estar na cultura”, se torna possível quando o poder individual é substituído pelo da comunidade, que se estabelece, então, como “direito”, em oposição ao poder e à violência do indivíduo. O caráter essencial dessa substituição do poder individual pelo da comunidade reside na restrição das possibilidades de satisfação do indivíduo, que, quando isolado, não reconheceria semelhantes limitações.

Boa parte das lutas da humanidade giram em torno do objetivo de achar um equilíbrio adequado (que traga felicidade a todos) entre essas reivindicações individuais e as coletivas, culturais; um dos problemas do destino humano é o de se este equilíbrio pode ser alcançado em determinada cultura ou se o conflito em si é inconciliável (FREUD, 1930, p. 3037).

A relação com nossos semelhantes, ou seja, com a cultura, é perturbada por uma verdade que, segundo Freud (1930), negaríamos de bom grado:

[...] o homem não é uma criatura terna e necessitada de afeto, que só ousaria se defender caso fosse atacado, mas um ser entre cujas disposições pulsionais se deve contar uma boa dose de agressividade. Por conseguinte, o próximo não representa para ele unicamente um possível colaborador e objeto sexual, mas também um motivo de tentação para satisfazer sobre ele sua agressividade, para explorar sua capacidade de trabalho sem retribuí-la, aproveitar-se sexualmente dele sem seu consentimento, apoderar-se de seus bens, ocasionar-lhe sofrimentos, martirizá-lo e matá-lo (FREUD, 1930, p. 3046).

Essa hostilidade primordial entre os homens constitui uma ameaça constante à cultura, que se vê, então, obrigada a realizar poderosos esforços para contrapor-se a tais tendências que nos atordoam e dificultam a vida. O homem precisa renunciar à satisfação de sua hostilidade a fim de não destruir o outro e, conseqüentemente, proteger a si mesmo.

Freud (1930), com suas constatações, corrobora uma antiga constatação do filósofo Hobbes, que viveu entre 1588 e 1679: “o homem é o lobo do homem”; e deixa claro que não é fácil renunciar à satisfação desta agressividade que representa uma disposição pulsional original e autônoma do ser humano.

“Essa pulsão de agressão é o derivado e representante maior da pulsão de morte, que encontramos ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo” (FREUD, 1930, p. 3052).

A luta essencial da espécie humana entre a pulsão de vida e a pulsão de destruição é o que a evolução cultural nos apresenta. Ao enfraquecer e dominar o prazer em agredir, que tem o indivíduo, fazendo-o vigiado por uma instância no seu interior – o super eu – e utilizando-se de componentes como sentimento de culpa e medo da perda do amor, a cultura tenta inibir e controlar a agressividade que a defronta e que se apresenta como o seu maior obstáculo (FREUD, 1930).

O medo à autoridade, que equivale ao medo da perda do amor e da proteção e obriga à renúncia a satisfações pulsionais, e, depois, o medo ao super eu, autoridade interna, da qual não se pode ocultar a continuação dos desejos proibidos, estão na origem do sentimento de culpa. O sentimento de culpa torna-se, então, um componente importante da evolução cultural, uma vez que pode impedir a realização de determinados atos que, se por um lado proporcionam satisfação ao indivíduo, por outro, ameaçam a cultura e o que a protege. Quando engendrado pela cultura, o sentimento de culpa é sentido como mal-estar, mas é o preço a pagar pelo avanço conquistado e pelo que isso representa para o indivíduo e para a coletividade. Quanto ao impedimento da satisfação pulsional, desperta agressividade contra o que ou quem atrapalha essa satisfação, e essa mesma agressividade tem que ser suprimida e transmitida ao super eu, o que implica consequências vantajosas e também perigosas (FREUD, 1930).

Em sua carta aberta a Albert Einstein, sobre o tema “ Por que a guerra”, redigida em 1932, Freud afirma que há tempos imemoriais ocorre na humanidade o processo de evolução da cultura, e que as mudanças psíquicas que acompanham esse processo são inequívocas. Sensações que eram prazerosas para nossos antepassados, continua Freud (1932), se tornaram indiferentes ou desagradáveis para nós. E reiterando as constatações feitas anteriormente, acrescenta: “devemos o melhor daquilo em que nos tornamos, bem como uma boa parte daquilo que padecemos” (Freud, 1932) ao processo de desenvolvimento da cultura.

“[...] a questão decisiva para os homens é saber se, e em que medida, a evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelas pulsões de agressão e autodestruição” (FREUD, 1930, p. 3067).

Não havendo perspectiva de poder abolir as tendências agressivas do ser humano, resta tentar desviá-las de seu fim. Quando enlaçadas às pulsões de vida, as pulsões de morte que tiveram sua satisfação recusada podem encontrar outro destino, como a sublimação. A

sublimação se apresenta, então, como a possibilidade da criação de formas alternativas de satisfação, mas ela não elimina o mal-estar decorrente da relação com a cultura e do conflito que lhe é inerente. Um mal-estar incontornável que o sujeito freudiano, impensável fora da cultura, tentará resolver de forma singular.

Freud, em 1930, afirmou que:

Hoje os seres humanos têm levado tão adiante seu domínio sobre as forças da natureza que com seu auxílio lhes resultará fácil exterminar-se uns aos outros, até o último homem. Eles o sabem, daí boa parte da inquietude contemporânea, de sua infelicidade, de sua angústia. E agora cabe esperar que o outro dos dois 'poderes celestiais', o eterno Eros, empreenda um esforço para afirmar-se na luta contra seu inimigo igualmente imortal. Porém quem poderá prever o desenlace? (FREUD, 1930, p. 3067).

A psicanálise não tem as respostas, mas é uma aliada incansável das pulsões de vida e insiste em tornar a vida mais simples.

REFERÊNCIAS

Freud, Sigmund. (1981). Proyecto de una psicología para neurologos. In *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva. Original publicado em 1908.

_____. (1981). La moral sexual 'cultural' y la nervosidad moderna. In *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva. Original publicado em 1908.

_____. (1981). Los dos principios Del funcionamiento mental. In *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva. Original publicado em 1911.

_____. (1981). Totem y tabu. In *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva. Original publicado em 1913.

_____. (1981). El futuro de una ilusion. In *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva. Original publicado em 1927.

_____. (1981). El mal estar en la cultura. In *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva. Original publicado em 1930.

_____. (1981). El porquê de la guerra. In *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva. Original publicado em 1932.